

O NOVO IMPERIALISMO

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005.

Maria Lúcia de Amorim Soares
Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Uniso
E-mail: maria.soares@uniso.br

É uma questão de ética, e mesmo ética, apresentar resenhado o livro *O Novo imperialismo*, de David Harvey, que já há mais de trinta anos criticava, em *Condição Pós-Moderna*, a histeria do consumo, a acumulação do capital e a criação de um novo sistema de signos pela publicidade como partes de uma síndrome que iria conduzir o mundo à beira de um precipício. Diz ele, agora, em seu novo livro que já chegamos ao precipício e resta saber se vamos pular ou dar um passo atrás em busca das lições que a história nos ensinou.

Harvey sabe que, além dos Estados Unidos, outros países disputam o posto que, no passado, pertenceu a Roma. Sabe também que, quem quer que seja o comandante do “novo império”, estará condenado a pensar numa política ambiental, sob o risco de seu império ruir como o dos antigos romanos. Por essas razões, diz que é preciso deixar claro o que é o novo imperialismo, já que imperialismo é uma palavra com sentidos tão diferentes que seu uso é difícil sem que se dê dele uma explicação como termo antes analítico que polêmico.

O geógrafo americano informa que define imperialismo como uma variedade especial dele chamada “imperialismo capitalista”, uma fusão contraditória entre “a política do Estado e do império” e “os processos moleculares de acumulação do capital no espaço e no tempo”. Com a primeira expressão, seu desejo é acentuar as estratégias políticas, diplomáticas e militares invocadas e usadas por um Estado (ou por algum conjunto de Estados que funcionam como bloco ou poder político) em sua luta para afirmar seus interesses e realizar suas metas no mundo mais amplo. Com a segunda expressão, o autor concentra-se nas maneiras pelas quais o fluxo de poder econômico atravessa e percorre um espaço contínuo, na

direção de entidades territoriais (tais como Estados ou blocos regionais de poder) ou em afastamento delas mediante as práticas cotidianas da produção, da troca, do comércio, dos fluxos de capitais, da transferência de tecnologia,

da especulação com moedas, dos fluxos de informação, dos impulsos culturais e assim por diante. (p. 31-32).

Em *O Novo Imperialismo*, Harvey consegue definir uma nova fase no processo de acumulação capitalista para explicar a dinâmica e as lógicas desse sistema produtivo contemporâneo e as suas conseqüências sociais, políticas e territoriais, o que ele chama de acumulação por espoliação. Sua reflexão inicia-se com a análise do petróleo nas reais motivações para a guerra do Iraque, papel que fica confirmado, mas não como único, já que Harvey também destaca o papel das idéias superconservadoras do *thing tanks* que desenham a política da Casa Branca. Em seguida, analisa o processo histórico do desenvolvimento do poder norte-americano, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, para chegar às fases históricas do capitalismo, desde a sua acumulação primitiva, passando pela reprodução expandida que foram definidas por Karl Marx e pelos marxistas posteriores, para finalmente abordar e definir o conceito de acumulação por espoliação.

Harvey formula tal conceito como sendo quase semelhante, e também comparável, ao conceito de acumulação primitiva, no que ele tem de rapina dos recursos naturais e do mais valor do trabalho, mas desta vez aplicado em escala internacional. O livro conclui com uma série de reflexões sobre o consentimento para a coerção imperial que o novo poder americano impõe (p. 187):

É neste ponto que entra o estado permanente de insegurança. Se a paz fosse firmada em toda parte, os Estados Unidos não conseguiriam persuadir ninguém, interna ou externamente, de que sua presença militar é necessária em alguma parte do mundo. Claro que há bastantes tensões e rivalidades e conflitos amargos no mundo para tornar improvável o surgimento da paz. Não obstante, a grande pergunta que precisamos fazer é: a interferência dos Estados Unidos é parte da solução ou constitui o cerne do problema?

Na vasta bibliografia sobre a hegemonia imperial estadunidense no mundo atual, *O Novo Imperialismo* se destaca. A inovação teórica que lhe permite ganhar esse papel vem da utilização dos esquemas de Rosa Luxemburgo para analisar a combinação entre a estratégia de guerra imperial e super exploração da mão-de-obra, como os dois eixos do poder estadunidense no mundo contemporâneo. Em conjunto, trata-se de uma análise lúcida e clara que potencializa um debate argumentado do qual nossa sociedade contemporânea padece a falta, visto o livro ser uma peça acusatória cujos réus são nossas atuais instituições de poder que ameaçam, no redemoinho dos primeiros anos do século XXI, nos levar a todos de roldão.

David Harvey escreveu um livro profundo e profundamente perturbador, academicamente radical, ao mesmo tempo de composição elegante, de prosa acessível, exibindo, numa progressão narrativa de crescente intensidade e premência, esperançosos achados acerca de como se podem mudar essas instituições. Num mundo de mudanças constantes e aceleradas, O Novo Imperialismo é um livro inegavelmente útil para decifrar o capitalismo contemporâneo. É um livro de ética que, ao explicar a situação geopolítica atual, mostra algumas das armas da Geografia que não seriam para fazer a guerra, e sim para explicar a realidade na qual nós cidadãos vivemos.